



CORPO FREUDIANO  
ESCOLA DE PSICANÁLISE

boletim

# mágico

fevereiro 2022

edição n.22 aperiódico

**Editorial**  
Tania Rosas

**01**

**03** **Bacharelado em psicanálise é  
aberração**  
Marco Antonio Coutinho Jorge

**Avanços neoliberais sobre  
a saúde mental**  
Denise Maurano

**05**

**08** **A arte de reduzir as cabeças**  
Rosana Coelho

**Faça amor, não faça guerra**  
Ana Petros

**12**

**20** **Feminino, Consentimento e  
Desobediência**  
Paolo Lollo

**A política que acontece no corpo**  
Maria Ormy Moraes Madeira

**24**

**30** **Aimeé: erotomania e delírio de punição**  
Francisco de Assis Reis Frazão

**Informes**

**33**

**34** **Acontecidos**

# EDITORIAL

Caros leitores,

desejamos encontrá-los com saúde, embora ainda convivamos com as variantes da Covid-19, o que nos demanda cuidados, atenção e paciência. Continuemos nas nossas referências e pontos de afeto presentes no imbricamento da pulsão de vida e da pulsão de morte.

Abrimos a edição do Bloco Mágico 22 atentos ao polêmico e preocupante movimento de criação de curso de graduação em psicanálise. Como sabemos, iniciativa que se mostra na contramão de toda a tradição no que se refere à formação do psicanalista. Tema que nos enseja a compartilhar com os leitores desta edição três importantes textos que se debruçaram sobre o assunto.

Marco Antonio Coutinho Jorge – no artigo *Bacharelado em psicanálise é aberração?* – vai ao âmago da questão ao pontuar que “... a formação tem como base mais importante a experiência de análise pessoal, sem a qual não é possível ser analista.”

Continuando a discussão, em *Avanços neoliberais sobre a saúde mental*, Denise Maurano interroga como uma faculdade de psicanálise com ensino à distância, ao término de quatro anos, pode conceder diploma de psicanalista com autorização para clinicar. Certamente, isso incorrerá em risco à saúde mental da população. Nas palavras da autora: “Lidamos com o inconsciente, com o indomesticável em nós e nos outros. Não tem como o inconsciente ser formatado *prêt-à-porter*.”

E finalizando a tríade, no artigo *A arte de reduzir as cabeças*, Rosana Coelho, com

empréstimo do pensamento de Dufour, apresenta a atual querela sobre a regulamentação da psicanálise e o seu novo produto – o bacharelado em psicanálise. Assinala “os parâmetros e efeitos éticos e políticos que permeiam a criação de um bacharelado em psicanálise” e o impacto na formação profissional, mercantilizada para os atuais e futuros pretendentes ao ofício de psicanalista.

Na sequência, seguimos com *Faça amor, não faça guerra*, da psicanalista argentina Ana Petros, que problematiza a clínica atual concernente “ao destino do sujeito quando se apaga a sua implicação com a sexualidade ligada ao significante.” É um retorno a Freud, para quem a sexualidade sempre esteve relacionada com o enigma e a pergunta sem resposta – “O que é uma mulher? Que desde a origem uma mulher é a causa de desejar e que, por isso, foi destinada ao silêncio.” Petros define o feminino “por esse não-lugar, o que difere como diferença, como resto, em qualquer apropriação identificatória ... O feminino é definitivamente o Outro”.

Na continuidade, publicamos o trabalho de Paolo Lollo, *Feminino, consentimento e desobediência*, que identifica a questão do consentimento como sendo “forte e importante para construção do sujeito e sua tomada de decisão.” Lollo sublinha que “no encontro entre corpo e alma, como entre o feminino e o masculino é feito através da letra, do simbólico, da palavra... O consentimento é uma experiência de abertura ao Outro.”

Dando prosseguimento à leitura, a psicanalista Maria Ormy Moraes Madeira, no artigo *A política que acontece no corpo*,

articula a condição do desamparo do humano – o qual nasce com sua anatomia faltosa – e sua dependência e subserviência ao Outro. A psicanalista pensa as consequências decorrentes desse estado, as quais sujeitam a vida ao poder de morte, destacando que a cultura desempenha um papel privilegiado para o mascaramento, que faz a autora interrogar: “a anatomia é ponto de partida ou destino?”.

Para finalizar nossas discussões, o psicanalista Francisco Frazão, no trabalho *Aimée: erotomania e delírio de punição*, a partir da tese defendida por Lacan *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*, levanta a seguinte questão: “afinal, que amor é esse de Aimée? Que amor é esse em jogo na psicose?” O texto de Frazão nos convoca à reflexão sobre como o analista se posiciona frente a esse amor maciço, que é a erotomania, dentre outras indagações.

Por fim, indicamos, ainda, que as programações e atividades das Seções e Núcleos do Corpo Freudiano encontram-se disponibilizadas no *site* da Escola e também nas respectivas páginas oficiais de *Facebook* e *Instagram*.

Como última comunicação, informamos aos leitores que Vivian Ligeiro foi nomeada Coordenadora da Secretaria de Publicação pelo Colegiado do Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro. Até aqui, foi enriquecedor e gratificante trabalhar na publicação do Bloco Mágico, contribuindo para a transmissão da psicanálise e para o estabelecimento dos laços entre as Seções e Núcleos da nossa Escola.

Rio de Janeiro, fevereiro de 2022.

Tania Rosas

Editora

## BLOCO MÁGICO

Boletim de circulação interna do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise

Editora: Tania Rosas

Equipe: Arthur Pereira, Maria Cecília Sousa e Paula Maribondo

Secretaria de Publicação: Vivian Ligeiro

[blocomagico@corpofreudiano.com.br](mailto:blocomagico@corpofreudiano.com.br)

## CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE

[contato@corpofreudiano.com.br](mailto:contato@corpofreudiano.com.br)

[www.corpofreudiano.com.br](http://www.corpofreudiano.com.br)



### BRASIL

#### Seções

Belém (PA)  
Campos dos Goytacazes (RJ)  
Cuiabá (MT)  
Fortaleza (CE)  
Goiânia (GO)  
Imperatriz (MA)  
Rio de Janeiro (RJ)  
São Luís (MA)

### Núcleos

Barra Mansa (RJ)  
Brasília  
Dourados (MS)  
João Pessoa (PB)  
Macaé (RJ)  
Nova Friburgo (RJ)  
Porto Alegre (RS)  
São Paulo (SP)  
Teresina (PI)  
Teresópolis (RJ)  
Vassouras (RJ)

### FRANÇA

Seção  
Paris

### ESTADOS UNIDOS

Seção  
Boston

# Bacharelado em psicanálise é aberração<sup>1</sup>

*Por Marco Antonio Coutinho Jorge*

A comunidade psicanalítica brasileira foi surpreendida no final do ano pelo anúncio da criação de um curso universitário de graduação em psicanálise, o que contraria toda a tradição – nacional e internacional – referente à formação do psicanalista. Desde a criação da psicanálise por Sigmund Freud até os avanços substanciais da teoria e da clínica psicanalítica trazidos pelo ensino de Jacques Lacan, a formação analítica é oferecida exclusivamente pelas sociedades de psicanálise, criadas para este fim há mais de cem anos. Nelas, o estudo da teoria psicanalítica é intimamente associado aos outros dois pilares – análise pessoal e supervisão clínica – que sustentam a formação como um conjunto consistente de atividades atravessadas pela experiência analítica pessoal dos analistas que ensinam. Os psicanalistas brasileiros, reunidos no Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras, criado há mais de 20 anos com o objetivo de salvaguardar a especificidade da ética inerente à prática analítica, divulgaram um manifesto que sintetiza porque se opõem de forma veemente contra tal empreitada: “Reduzir a formação analítica ao conhecimento de teorias e técnicas, prometendo que em quatro anos, cumprindo determinados requisitos, todos estejam aptos para a prática psicanalítica, contradiz o conceito de ensino e transmissão da psicanálise”. E ainda: “A formação em psicanálise, resultado da análise pessoal, da leitura crítica da teoria e das reflexões clínicas, ocorre sempre de maneira singular, não cabendo em programas fixos e comuns para todos, em um tempo predeterminado”.

Isso significa simplesmente que o estudo da teoria analítica, isolado, não forma um analista. Para tal finalidade, é preciso que o ensino seja oferecido no interior de um protocolo de formação que coloca a análise pessoal no primeiríssimo plano, seguido do acompanhamento da prática clínica oferecida por analistas experientes. Ou seja, a formação tem como base mais importante a experiência da análise pessoal, sem a qual não é possível ser analista. Mais do que isso, a análise que é exigida de um analista em formação é a mais longa e profunda possível e, por isso mesmo, muitas vezes os analistas retornam à análise periodicamente, como Freud já recomendava. Dito de modo simples, o acesso ao inconsciente, que forma o analista porque lhe proporciona uma vivência subjetiva do que é a experiência da análise e lhe dá condições de tratar seus analisandos, não se restringe ao estudo sobre o inconsciente.

Instituir um curso de graduação de psicanálise, que apresenta claramente em seu bojo uma motivação empresarial e despreza os objetivos de uma formação legítima, é um grave atentado à existência da psicanálise como método de conhecimento e tratamento. Significa, outrossim, negar o protocolo de formação necessário e oferecer uma ilusão perniciosa aos jovens que desejam encontrar na psicanálise uma fonte de conhecimento que, para ser estendida a uma atividade clínica, exige o próprio tratamento do sujeito.

---

<sup>1</sup> Publicado no Jornal Folha de São Paulo, em 12/01/2022, p.3.

Cabe ao MEC rever a autorização que foi dada a este curso ignominioso que, de psicanálise, só tem o nome, nada mais.

**MARCO ANTONIO COUTINHO JORGE** é Médico, psiquiatra, psicanalista, professor associado do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, diretor do Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro, membro da Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise.

Contato: [macjorge@macjorge.pro.br](mailto:macjorge@macjorge.pro.br)

# Avanços neoliberais sobre a saúde mental<sup>1</sup>

Por Denise Maurano

## I

Eis que na calada da noite, ou mesmo no descaramento do dia, já que a vergonha pelos absurdos comparece cada vez menos, nós, psicanalistas, fomos surpreendidos com a invenção de uma Faculdade de Psicanálise que promete, ao final de quatro anos, dar diploma de psicanalista, com autorização para clinicar. Como se não bastasse, a proposta é de um curso a distância, podendo ser feito de onde você estiver e podendo, portanto, ser acessível aonde for, a partir de critérios nada analíticos, a título de democratizar o acesso à psicanálise. Mais, ainda: com um discurso oportunista que, por vezes, mistura premissas corretas com metodologias de transmissão e contextos completamente distorcidos, maquia, com ares de seriedade, os objetivos que aparentam ser apenas de ganhar dinheiro, massificando o que pensam ser a educação e fomentando a dominação de uma política neoliberal predatória que avança sobre o mundo.

No caso da psicanálise, temos o risco de um projeto desses, levado a cabo, pôr em risco a saúde mental da população, já que, em breve, teremos milhares de pseudo-analistas diplomados, mexendo com a cabeça das pessoas, sem nenhuma estrutura para tal. Uma palavra ou um gesto mal colocado pode ter consequências atroz, pode levar, até mesmo, ao suicídio. Ouvi dizer que já contam com 2.000 inscritos para ingressarem esse ano. Como publicado em um jornal de grande

circulação, formar psicanalistas nesses padrões é como “graduar um piloto de avião por WhatsApp”. Eu pergunto: você voaria com um piloto desses? Enviaria seu filho? Ou, ainda: você quer ser esse piloto?

Ao fazer alusão ao tripé que sustenta a formação do psicanalista desde a proposta inédita de Freud, são recomendados: estudo teórico crítico, supervisão do trabalho e processo pessoal de análise. A tal faculdade não se furta em “implementá-lo”. Porém, o enquadra no cumprimento protocolar de um certo número de disciplinas cursadas *on-line*, mencionando oferecer, no último ano do curso, supervisão e experiência com processo de análise, ou análise didática, que, segundo eles, é psicoterapia psicanalítica de grupo, tentando, com isso, se vestir de uma credibilidade que só engana os desavisados, além de invadirem o campo psicoterápico que é atividade reconhecida da Psicologia e da Psiquiatria.

## II

Mas vocês poderiam perguntar: por que não? Eles não estarão cumprindo a proposição do tripé freudiano? Ainda que tais cursos *on-line* fossem eficientíssimos e ainda que fosse possível a sustentação do trabalho supervisionado formatado em grupo, o tratamento pessoal, que é a condição princeps para a possibilidade do surgimento de alguém que esteja em condições de conduzir um trabalho psicanalítico, extrapola as regras temporais e vai bem além do que pode a academia, por mais competente que ela seja. Aliás, tratamento pessoal para funcionar não pode ser demanda da academia e, sim,

<sup>1</sup> Texto publicado pela Aller Editora no dia 17/01/2022. Link de acesso: <https://www.allereditora.com.br/nota-de-repudio-denise-maurano/>

desejo do sujeito. A academia pode funcionar muito bem para formar mestres, especialistas e doutores, mas não psicanalistas. É por isso que até hoje a psicanálise não é profissão regulamentada. Sua regulamentação é impossível e, caso fosse forçada, comprometeria a própria sobrevivência do rigor analítico que não é afeito à camisa de força de regras gerais. Funcionamos no um a um. Por mais que isso dê um trabalho imenso e fiquemos expostos a uma enxurrada de oportunistas que se automeiam psicanalistas ao léu, é só assim que a psicanálise pode sobreviver. Instituir um diploma e uma regulamentação é legalizar um engodo.

O Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas do Brasil, constituído há mais de 20 anos, com representantes de 48 escolas de todo o país, vem defendendo a psicanálise das tentativas de regulamentação, ou de submissão a outros campos como a religião, ou mesmo a medicina. Temos tentado instruir a sociedade e a classe política, para que respeitem a especificidade de nosso ofício e nos deixem trabalhar em paz. Diante dessa nova ameaça, redigimos um Manifesto assinado pelas escolas que compõem o Movimento Articulação e por outras 101 do Brasil e do mundo e que está circulando nas redes sociais. Certamente, esse apoio expressivo não se dá à toa.

### III

Lidamos com o inconsciente, com o indomesticável em nós e nos outros. Não tem como o inconsciente ser formatado *prêt-à-porter*, segundo a grade disciplinar de um curso, ou o interesse carreirista de olho nas tendências do mercado.

Cuidado! Essa proposta ignora toda a tradição de mais de cem anos que evidencia que a formação de um psicanalista só pode se dar no rigor de um

processo que é absolutamente singular, artesanal, no qual diversas escolas já se encontram seriamente reconhecidas, acompanhando o trajeto de cada um. Se abster enquanto sujeito para se emprestar como suporte dos investimentos inconscientes do seu paciente exige um atravessamento de suas próprias questões. Eles vendem a ilusão de uma finalização de formação com a entrega de um diploma ao fim de quatro anos de curso. Algo que nem terá a legitimidade da Psicologia com suas técnicas psicoterápicas e propostas, por exemplo, de conscientização, condicionamento e sugestão, nem se aproximará da Psiquiatria com seus métodos interventivos e medicamentosos e estará, mais ainda, a léguas de distância da psicanálise, ou seja, da investigação do inconsciente relativa ao trabalho analítico. Agora, certamente, você estará na moda. Já que a moda, em tempos como o nosso, sobretudo em nosso país, é a falácia, o *fake*, o simulacro mal-acabado. É isso que você quer?

A relação que um analista tem com o saber, inclusive, acerca de seu próprio inconsciente não permite abreviações e é mesmo inesgotável. Todo encurtamento tecnicista, precipitado, só serve a interesses escusos bem ao gosto do neoliberalismo dominante. Aliás, certamente não é à toa que quem responde pelo Centro Universitário que está propondo esse curso é nada mais, nada menos, que o maior doador da campanha do atual governo. Sua empresa cresce vertiginosamente no Brasil e no exterior. Certamente, conseguir - desse MEC esdrúxulo - autorização para fazer funcionar essa anomalia, que vai na contramão de toda a história da psicanálise, é bem ao gosto do que estamos vivendo em tempos tão sombrios. O pior é que é tudo absolutamente legal, dado que a lei é manipulada para atender ao gosto do freguês mais abastado. Mas saibam: isso não é legítimo e, sobretudo, não é ético.



Essa dita inovação já nasceu velha. Explorar a educação para fins antiéticos e inescrupulosos não é nenhuma novidade. Como vocês podem verificar, o curso não surge de um movimento de dentro do campo analítico reconhecido e respeitado desde Freud, mas, sim, se impõe de fora. Nem mesmo explicita o quadro de professores e sua proposta confusa. Invade até mesmo o campo da Psicologia. Certamente, vão tentar caçar analistas que topem participar dessa farsa. E o pior é que até podem vir a conseguir, via atrativos financeiros e mercadológicos, o que será extremamente lamentável!

Mas se você se interessa verdadeiramente pela psicanálise, se coloque à altura dessa opção. Siga o trajeto que é preciso ser seguido, porque o inconsciente até pode fazer atalhos que nos surpreendem no nosso dia a dia, mas a formação de um analista, não. Existem diversas escolas de psicanálise que te acompanharão na sua formação. Agora, se você tiver pressa de ganhar dinheiro, e for esse seu foco, é melhor escolher outra atividade. Tudo tem seu tempo. Não se deixe enganar! Fique de olho vivo!

**DENISE MAURANO** é Psicanalista, membro do Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro. Profa. Titular da Universidade Federal do Estado do RJ (2019). Doutora em Filosofia PUC/RJ e na Universidade de Paris XII/FR, Pós-doutora em Letras pela PUC/RJ e em Psicanálise pela Universidade de Nice/FR. Editora de Psicanálise e Barroco em Revista.

Contato: [dmauranomello@gmail.com](mailto:dmauranomello@gmail.com)

# A arte de reduzir as cabeças

Por Rosana Coelho

O título que utilizo neste texto é emprestado de um interessante livro escrito pelo filósofo e psicanalista Dany-Robert Dufour (2005)<sup>1</sup>. Li o livro de Dufour há algum tempo, mas a atual querela sobre a regulamentação da psicanálise e seu mais novo produto, o bacharelado em psicanálise, fizeram com que este título e os apontamentos do autor retornassem incessantemente na minha memória.

Em tempos de protagonismo formatado pelo ódio, cabe dizer (que chatice estes tempos em que o óbvio precisa ser dito!) que o lugar desde onde eu falo é de quem está vinculada a uma instituição psicanalítica referenciada pelo ensino de Sigmund Freud e Jacques Lacan. Logo, minhas palavras não almejam nenhuma neutralidade. Inclusive, faço a gentileza de avisar a quem se sentir motivado a perder o seu tempo dizendo que meu texto tem interesses pessoais, que ele tem, sim. O meu e o texto de todos os membros da torcida do Flamengo. Mas, claro, perder tempo e coçar a cabeça é livre, gratuito e ao gosto do freguês. Só faço questão de lembrar uma última coisa: tudo é ideológico, a tão propagada neutralidade política não existe, só se afirma imaginariamente em alguém que se posiciona no cume da alienação. Lamento pela inevitável má notícia.

Não me parece, então, em um país onde a formação profissional vem sendo brutalmente mercantilizada e, com isso, empobrecida, que seja um serviço útil para os atuais e futuros pretendentes ao ofício de psicanalista, gastarmos tempo e saliva com

debates – encabeçados inclusive por muitos colegas psicanalistas – que se pautam por um argumento pífio, qual seja, o de que “os do contra o bacharelado” estão apenas reclamando, em espelho, uma reserva de mercado. E digo isso pelo óbvio (de novo ele!) motivo de que não há fora do mercado. Infelizmente, também diante de uma questão tão importante relacionada à formação do psicanalista, percebo que não estamos conseguindo sair da polarização política, esta praga que se intensificou no Brasil desde o último pleito político. Como um alento e um respiro, e para tentar evitar a contaminação pelo maniqueísmo estéril, ao qual nenhum narcisismo escapa totalmente ileso, penso que útil é ter Foucault como livro de cabeceira, e reler, sempre que necessário, algo que ele diz assim: “Nem tudo é ruim, mas tudo é perigoso. Se é perigoso, sempre temos algo a fazer” (DREYFUS & RABINOW, 1995).

A meu ver, uma das importantes questões que nos convoca a um claro posicionamento diz respeito aos parâmetros e efeitos éticos e políticos que permeiam a criação de um bacharelado em psicanálise, em um momento no qual a política fascista no Brasil passeia por aí livre, leve e solta. Um momento em que o “Divino Mercado” nunca esteve tão no comando e exibe sem pudor sua gorda pança, às custas do precarizado trabalho alheio<sup>2</sup>. Um dos argumentos de base para a criação do referido bacharelado, igualmente questionável, é de que se trata de uma iniciativa que visa à democratização da psicanálise. Resta saber de qual democracia

<sup>1</sup> DUFOUR, D-R. *A arte de reduzir as cabeças – sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

<sup>2</sup> Mais uma vez recorro a Dufour (2009), que sublinha de forma cristalina o feliz, lucrativo e duradouro casamento entre o neoliberalismo e a religião.

se está falando. Ou, para ser mais assertiva, é preciso indagar na conta bancária de qual “Senhor democrático” os lucros florescerão, adubados pelo suor monetário dos que veem nesta proposta uma alternativa rápida de realizar o desejo de atuar profissionalmente como psicanalista, imaginando que de outra forma isso seria impossível ou não reconhecido. É disso que falamos: da comercialização da ilusão de que um curso legalizado pelo Ministério da Educação, justamente sob o comando de um governo tão incompetente quanto fascista, que precariza a educação a olhos vistos, seria a garantia de uma exitosa subida da escada meritocrática<sup>3</sup>. O que tal curso vende é a ilusão neoliberal de que é necessário comprar um produto que tem o sedutor nome de “bacharelado em psicanálise” para que se tenha validada a atuação profissional como psicanalista.

Um dos recorrentes argumentos dos que advogam “a favor do bacharelado”, e/ou dos muito entusiasmados com a oferta, pauta-se no fato de que as instituições psicanalíticas não regulamentadas não fornecem um “certificado de psicanalista”. Esse argumento vem automaticamente acompanhado de um outro argumento apontando o que seria uma “ferida narcísica” no posicionamento de tais instituições: a não certificação oficial dos candidatos e candidatas à formação teria por objetivo a manutenção do “pátrio poder” dos que ocupam o lugar de transmissão da teoria psicanalítica nestas instituições. Ora, ostentar um diploma debaixo do braço não garante a ninguém a contratação de seus serviços! Nada, nem ninguém pode garantir isso.

Qualquer atento olhar no cenário social testemunha o assombroso efeito colateral da massificação da educação brasileira,

resultante de cursos de graduação que surgem às pencas, em cada esquina que dobramos. Este efeito colateral tem nome e sobrenome: acirramento da competição social. O que não se diz é que se trata de uma competição cada vez mais iníqua e desleal, da qual o neoliberalismo se serve para continuar governando soberano, e, além disso, fomentar ainda mais a ideia paradoxal de que a solução para o desemprego é consumir mais e mais cursos. A ideia de que é possível ter um título, um certificado, ou qualquer outro objeto que preencha a falta de saber, que garanta emprego, etc., é o fetiche neoliberal por excelência!

Um fetiche que os desempregados, resto cada vez mais volumoso da competição, dão um triste e evidente testemunho de sua ineficácia. Modo outro de dizer que na ponta da cenoura que o capitalismo utiliza para comandar a manada ao infinito e além está escrito, em letras bem miudinhas, quase invisíveis: não há garantias pós consumo. Mas, coitados de nós, são letras bem pequeninas. Como nas bulas de remédios muito ruins, se as vemos, não consumimos. Simples assim. E o nome disso é a-li-e-na-ção. Esse ingrediente que Dufour aponta como ingrediente principal na arte de reduzir as cabeças, para torná-las cada vez menos pensantes e menos reflexivas. Sim, o consumo também é de palavras de ordem: “Seja!”, “Faça!”, “Compre!”, “Pague!”.

Por isso, quando o artigo de um colega evoca a tradição, nos chamando a atenção para os pilares fundantes da psicanálise e a importância de não os perdermos de vista, ele não está evocando, muito menos determinando, que não se pode rever enquadres teórico-metodológicos da formação psicanalítica<sup>4</sup>. Está apontando

<sup>3</sup> O texto da colega Denise Maurano toca com clareza neste ponto também. O texto poderá ser lido no site da Aller Editora a partir do dia 18/01.

<sup>4</sup> Refiro-me ao certo texto do colega Marco Antonio Coutinho Jorge publicado no dia 10/01/2022 no jornal Folha de São Paulo. Link de acesso:

que as marcas desta tradição, inscritas na História da Psicanálise desde o seu surgimento, trazem consigo balizamentos éticos e políticos que, se desprezados ou postos à revelia, carregarão consigo a descaracterização da psicanálise, que tem, como todo e qualquer campo do saber, contornos próprios. Um exemplo paradigmático: em 1926, em meio a um acalorado debate sobre a autorização do estudo e da prática da psicanálise aos não médicos (chamados naquele momento de “leigos”), Freud escreve um valioso texto se posicionando explicitamente contra o monopólio da psicanálise pela medicina, tanto no que dizia respeito ao monopólio da prática clínica, quanto de sua transmissão (FREUD, 1926/1986). Sim, caro leitor, entendeste corretamente: Freud, médico, advogou a favor da prática e do ensino da psicanálise aos não médicos. Não sei você, mas eu não vejo um posicionamento mais ética e politicamente valioso do que este. Logo, o argumento de que há uma tradição ética e política da psicanálise, a ser mantida e zelada, é pertinente, sim. E mais: é este argumento que não deixa a psicanálise, na medida do possível, ser capturada pela lógica pobre e perversa do consumo pelo consumo. É este argumento que faz um dique – como pode – diante dos discursos que tentam fazer dela um instrumento de mercantilização da formação dos profissionais de saúde mental, o que, inevitavelmente, termina por mercantilizar a própria saúde mental. Quem de nós ainda não ouviu a voz do Capital ao pé do ouvido, dizendo: “Quem pode pagar, tem, quem não pode...”.

Em conclusão, retomo minha crítica ao míope argumento de que o posicionamento contrário à criação de um bacharelado autorizado pelo MEC teria como mote o ressentimento da perda do monopólio da formação psicanalítica. E

retomo porque este argumento não enxerga o fato, por demais óbvio, de que as inúmeras instituições de psicanálise pelo Brasil afora já são, por si sós, uma pluralidade que impossibilita o monopólio da formação unicamente por esta ou aquela instituição. Melhor seria, a meu ver, olharmos bem mais acima, como nos alertaram, desesperados, os personagens cientistas do inquietante e lúcido filme “*Don't look up*” (“Não olhe para cima”). Outra forma interessante de dizer o mesmo é trazendo aqui as palavras com as quais Lacan encerra o seu Seminário sobre a Ética da Psicanálise (LACAN, 1959-60/2008). Ele encerra dizendo que o mais importante não é saber se o homem é bom ou mau originalmente. O importante é saber em que resultará o livro depois que o homem tiver comido todo ele.

## Referências

- DREYFUS, H. & RABINOW, P.  
*Michel Foucault – uma trajetória filosófica*. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- DUFOUR, D.-R.  
*A arte de reduzir as cabeças – sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.
- O divino mercado*. Conferência realizada no Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro em 08/08/2009. Acesso em [http://cpri.com.br/imagenscadernos/caderno23\\_pdf/09-O%20DIVINO%20MERCADO\\_DANYROBERT%20DUFOUR.pdf](http://cpri.com.br/imagenscadernos/caderno23_pdf/09-O%20DIVINO%20MERCADO_DANYROBERT%20DUFOUR.pdf)

FREUD, S.

A questão da análise leiga [1926]. *Obras Completas*. Standard Edition. Volume XX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1986.

LACAN, J.

*O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1959-1960). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

**ROSANA COELHO** é Psicanalista. Pós-doutora em Psicanálise Clínica e Cultura/UFRGS. Doutora em Psicanálise - Clínica e Pesquisa/UERJ. Professora em cursos de Graduação e Pós-graduação em Psicologia. Membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise e diretora do Núcleo Porto Alegre.

Contato: [psi.rosana@gmail.com](mailto:psi.rosana@gmail.com)

# Faça amor, não faça guerra<sup>1</sup>

Por Ana Petros

## 1º ponto: uma curiosidade

Por que os cientistas demoraram tanto para entender de onde vêm as crianças? <sup>2</sup>

Em 1874, já se sabia que a Terra não era o centro do Universo e já havia mapas das estrelas. Fazia 15 anos que Charles Darwin escrevera “A Origem das Espécies”. No entanto, ninguém entendia a origem dos bebês.

Isso não quer dizer, é claro, que ninguém havia se perguntado, nem que ninguém havia oferecido respostas, mas que ninguém – nem os brilhantes cientistas e nem as pessoas comuns – sabia como responder corretamente à pergunta que muitos pais temem: de onde vêm as crianças.

Como é possível que algo tão abstrato como a gravidade e o Universo já tivesse sido compreendido antes?

Teríamos que esperar até 1875 para que um biólogo alemão cujo nome poucos se lembram – o que também é surpreendente – observara o esperma de um ouriço do mar fundido com um óvulo e reconheceu que este era o evento essencial na fertilização.

O nome desse cientista que revelou o segredo da criação da vida, há menos de 150

<sup>1</sup> Conferência proferida no XI Encontro Nacional e Colóquio Internacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, O feminino e a política da psicanálise, ocorrido nos dias 18, 19 e 20 de novembro de 2021. Tradução de Thomas Speroni.

<sup>2</sup> BBC Mundo: ¿Por qué los científicos tardaron tanto en entender de dónde vienen los niños?. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-40659010>. Agradeço ao Dr. Oscar Medina por me sugerir essa pesquisa.

anos, era Oskar Hertwig, e sua descoberta pôs fim a uma longa e até engraçada história de teorias enunciadas por gênios maiores e menores.

Mas então...

Os brilhantes gregos, por exemplo: eles acreditavam em quê?

Uma das grandes razões para a demora em entender algo tão importante foi o desprezo pelas mulheres.

“A noção que os cientistas tinham – todos homens – era que todas as grandes criações do mundo eram feitas por homens: um poema, uma construção, uma peça de teatro... Portanto, se estávamos falando da criação mais admirável de todas, uma vida humana, ela tinha que ser feita pelo homem”, explica Dolnick, um escritor de ciências naturais, mas curiosamente o autor do livro “A loucura no divã”.

Um dos exemplos mais poéticos dessa tendência a endeusar os homens foi a crença dos gregos antigos sobre a essência do esperma; nas palavras de um dos escritores da época, “uma gota de cérebro”.

“Como uma poção mágica com a habilidade de colocar a vida em movimento”. “Era inquestionável que a mulher tinha um papel na criação, porque ela carregava o bebê. A questão era se esse papel era ativo ou se ela era simplesmente uma incubadora. Os gregos tendiam a pensar que era uma incubadora.”<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Op. Cit.

Bom, então eu introduzo a pergunta: o que se vê quando se vê?

O sêmen era fácil de ver, de modo que essa era a contribuição do homem. Mas qual é a contribuição da mulher?

Então, há a segunda pergunta: o que se vê quando não se vê?

Aristóteles, por sua vez, acreditava que o bebê surgia fisicamente de uma mistura do sêmen com o sangue da menstruação: o que se vê.

Eles sabiam que quando uma mulher estava grávida ela deixava de menstruar. Ou seja, *isso que se podia ver também podia desaparecer*. Certamente isso seria atribuído a um efeito de magia. No entanto, reparamos nisso: *algo desaparecia e em seguida voltava a aparecer*. Já tínhamos aí a evidência do *Fort-da*. Se procurarmos o lugar de uma mulher, é até aqui: *o que se pode localizar no intervalo*. Observação mais do que enigmática.

O que também se assoma na ordem da não-evidência é que o corpo de uma mulher era intocável ao exame médico por formar parte de um tabu.

Um óvulo + um intervalo + corpo tabu: poderia ser essa, antecipadamente, a soma que faria com que se achasse uma mulher?

Mais um dado para encorajar as feministas mais militantes: o óvulo humano, apesar de ser a maior célula do corpo, é do tamanho do ponto que colocamos no final de uma frase.

E um espermatozóide é um milhão de vezes menor.

Não há dúvida de que nos idos daquele século XIX eles estavam tentando

desvendar um grande mistério: estavam tentando entender de onde vem a vida.

Há décadas as mulheres vêm revolucionando não só a ciência, mas também sua inserção no campo social, transgredindo seu único destino admitido a princípio: o da maternidade. Uma mulher não pode negar sua condição, mesmo com a abstenção de ser mãe na falta desse desejo. Essa premissa de mulher-mãe teria dificultado, em princípio, todo projeto de criação voltado a qualquer outro destino para a sexualidade feminina. Assistimos ao fim de uma sociedade por causa dos outros destinos para a sexualidade? E se insistíssemos em manter os modelos conservadores, assistiríamos ao fim da sexualidade por causa dessa sociedade?

Não é tão estranho. A Sexualidade e o Outro cultural indicariam aqui sua implicação articulada. Não é possível pensar um sem o Outro; mas sua lógica é insuficiente sem incluir o significante causal dessa relação. Significante tônico, assim a gramática moderna o chama, aproximando-se do que nós chamamos de significante fálico.

Não há dúvidas de que o conceito ou as ideias que definiam o que é uma mulher vêm mudando fortemente nas últimas décadas. Há uma ideia universal sobre isso. Mas há universalidade a respeito da sexualidade? *O não-todo-tem-pênis* seria suficiente para extrair desse enunciado o que é uma mulher? O referente falo tem sido causal da relação entre a sexualidade e a função do Outro. Mas é um significante articulador da lógica da sexualidade para cada sujeito? É possível fazer a escrita *À Mulher não existe* para que com essa barra obtenhamos como resultado uma mulher ou um homem? Há clareza sobre os sexos mesmo quando o sujeito acredita ter atracado numa identificação sexual? E, finalmente, é possível uma identificação?

## 2º ponto: da história

Na primeira sessão da Associação Psicanalítica de Viena, após o verão, que ocorreu em 11 de outubro de 1911 nas dependências do café Arkaden, um dos grandes desejos de Sabina Spielrein se consuma: ela é eleita Membro da Associação por ocasião de sua dissertação: O que se escuta quando uma mulher fala? Antes de Spielrein, Margarete Hilferding, pediatra, juntou-se à Associação Psicanalítica de Viena.

Na história da psicanálise, as mulheres desempenham um papel importante como clínicas e teóricas, como no caso de Melanie Klein e Karen Horney e, mais recentemente, Piera Aulagnier, Maud Mannoni etc., são fundadoras de suas próprias escolas psicanalíticas. Além disso, elas oferecem um exemplo contundente para as mulheres profissionais. Ao contrário de outras profissões qualificadas que gozam de um *status* relativamente alto, a psicanálise está aberta desde o começo para as mulheres. Sigmund Freud cria um precedente importante, porque valoriza e respeita as mulheres. A questão da feminilidade permanece ao longo de sua vida – em suas próprias palavras – como “um continente negro” que, longe de ser desprezível, se torna o enigma que ainda hoje move os homens.

A admissão de Hilferding na Associação se deu pela proposta de Paul Federn e a despeito da oposição de Isidor Isaak Sadger, que rejeita a adesão feminina por “questões de princípio”. Junto com Sadger, Víctor Tausk também expõe suas reservas com o argumento grotesco de que as mulheres que estudam medicina geralmente são homossexuais. Hilferding replica indicando que na Universidade de Viena as mulheres só são admitidas nas graduações em Filosofia e Medicina. Esse conflito de ideias faz com que Margarete Hilferding fique de

fora. Portanto, nesse momento, Sabina Spielrein permanece como a única mulher na Associação.<sup>4</sup>

Introduzo uma pergunta: a diversidade e sua rejeição seguem conservando-se na atualidade? É possível formular uma nova maneira de pensar, a respeito disso, de acordo com esses tempos?

A diversidade, o distinto, o diferente talvez enunciem apenas nuances para nomear uma mesma operação fundante do sujeito: sua relação com a *outridade*.

O que disso tudo marca sua conotação hoje em dia? Que o diferente e o diverso já não se escondem mais em nenhum armário, senão que retornaram de fora para tomar seu lugar na trama social à qual não podemos evitar pertencer. O “óvulo” salta à vista há muito tempo e salta também por cima dos preconceitos, não mais se esconde daqueles que *não querem vê-lo*.

Essa concepção reúne a existência do semelhante, bem como a da sexualidade. Pensada até alguns anos atrás entre a ocultação e o enigma, a sexualidade apresenta o seguinte desafio: hoje podemos sustentar, com as mesmas convicções, o conceito de sexualidade freudiana? Transmutações de gênero e de identidades, certezas que evitam a angústia do “quem eu sou?” remetem ao questionamento de se se produziu um movimento radical no modo de conceber a sexualidade ao redor de um significante que a promovia; e se estamos em tempos “novos” que exigiriam renovar esses postulados.

Alertando o seguinte: quando alguns movimentos feministas acreditam que a diversidade encontraria oposição desde as categorias da diferença sexual, que

---

<sup>4</sup> Fragmento do livro *Sabina Spielrein: de Jung a Freud*.



emanaria de uma concepção performativa da psicanálise (sic), aí é quando somos obrigados a determinar nossa posição sobre o assunto. Neste caso, o analista que responder terá que distinguir de que lugar o faz. Não há dúvidas de que é inevitável que ele tenha uma posição subjetiva, e que esta não esteja isenta de seus preconceitos e limitações; de suas rejeições e aversões. Mas isso não pertence à posição da psicanálise.

O que o significante fálico produz é que no inconsciente se inscreva ou se rejeite a distinção sexual. O que a distinção sexual<sup>5</sup> determina – e que não é equivalente à diferença dos sexos, que é anatômica – é que todo gozo tem um menos (-) que faz a impossibilidade da satisfação total. Seja o homem, a mulher, o homossexual, o transexual etc.

Todo sujeito estará em menos (-) desde sua constituição mesma por ser sujeito falante, por tomar a palavra de uma coisa que se tem e que se perde, e que por isso tenta seu nome. Essa “pequena diferença (-)”<sup>6</sup>, produzida entre o que se tem e o que se perde, marca uma condição inerente à constituição subjetiva para todo sujeito. Mas a distinção sexual, precisamente, não determina os modos de gozar. Não há nem patologia e nem normativa do gozar. De qualquer forma, digamos de uma vez: o gozar é diverso. Os modos de gozo sempre estiveram a serviço de quem goza e nunca houve cultura suficiente que tenha conseguido impedi-los, a menos que esse gozar implique o abuso do outro.

Em definitivo, a intrusão da ordem da sexualidade baseia-se na passagem pela *percepção inaugural que encontra o vazio onde se esperava encontrar algo*<sup>7</sup>. Dito isso,

<sup>5</sup> Petros, Ana. *Las encrucijadas de la sexualidad*. 2ª Edición. Letra Viva. Bs. As. Argentina. 2019.

<sup>6</sup> Essa expressão e as aspas são minhas.

<sup>7</sup> A expressão e o destaque são meus.

a natureza e a anatomia perdem seu valor até mesmo para determinar um julgamento moral sobre qual é a “normalidade” que rege a sexualidade. Por muitos séculos enfiou-se a anormalidade às mulheres goela abaixo para poder localizar em algum lugar aquilo de que os homens se livravam: a angústia ante a ameaça da insuficiência, o rechaço ao que não quiseram ser e até mesmo o ódio encarnado na misoginia. O velho problema da inveja do pênis teria sido resolvido pelo ódio.

### **3º ponto: uma mulher pode confundir-se com um look**

Baudrillard dirá<sup>8</sup> que o *look* é uma espécie de imagem mínima que parece não alcançar nem sequer o narcisismo.

A causa reside, para o autor, nas consequências da revolução sexual iniciada por aquela pergunta: “sou homem ou sou mulher?”; e na revolução sociopolítica formulada pela pergunta: “onde está minha vontade própria?”, “e onde estão meus direitos?”.

Só que, para a sexualidade, ele dirá, não há democracia alguma, tampouco há emancipação, nem o sexo faz parte dos direitos do homem.

Uma vez que essa revolução passa, corremos um risco: Baudrillard considera que o sujeito ficará sem uma identidade genérica e sexual, e com cada vez menos respostas possíveis, dada a quantidade de sinais e a multiplicidade de prazeres disponíveis no mercado. Resta, então, seres transexuais e transpolíticos. Indiferentes e indiferenciados.

<sup>8</sup> Baudrillard, Jean. “Todos somos transexuales”. In: Baudrillard, Jean. *Pantalla Total*. Anagrama. Barcelona. 2000.

Para uma referência mais ampla, ler: Petros, Ana. *Las encrucijadas de la sexualidad*. p. 85-88.

Estamos ante a problemática clínica atual: poderíamos pensar que essa geografia nos mostra um cenário em que as mudanças de signos tomaram o lugar dos significantes. E a troca, o local de substituição, próprio da cadeia significante.

A comutação na sexualidade e na política, e a prevalência da imagem efêmera, o *look*, produziriam um discurso de indiferença à “pequena diferença”? É possível decidir sua in-diferença? Existe um modo no qual o pensamento se constitua no psiquismo como um conjunto que contém todas as premissas, um conjunto ao qual não falta nada?

Se tomamos as propostas do autor, é interessante ouvir um aviso que vai mais além da discriminação imaginária, com relação aos efeitos causados no simbólico por uma cultura que propõe uma abundância de signos que anulam o significante.

Mas lembremos que não haveria nada mais “encarnado” no corpo, externo à natureza, do que o significante. Talvez o êxito da proposição de Baudrillard seja justamente que ele enuncia de forma contundente e provocadora os riscos contidos no destino do sujeito quando se apaga a sua implicação com a sexualidade ligada ao significante.

Portanto, formular-se uma vez ou outra a pergunta sobre o que é o sexo determina mais uma vez que tudo o que pode ser dito a respeito disso – não apenas para tentar defini-lo, mas para tentar entendê-lo – seria insuficiente. Insistimos: sua dificuldade está na raiz de sua constituição mesma, sendo ele inapreensível ao sentido.

“[...] sexo é o vacilo do sentido [...] o sexo se produz a partir do limite interno, da falha da

significação [...] onde as práticas discursivas tropeçam.” (COPJEC).

Portanto, a sexualidade freudiana sempre esteve relacionada com o enigma, e não com a resposta comunicativa ante a pergunta sobre o que é uma mulher, já que Isso (*ça*) não se comunica. É o impossível de saber.

Joan Copjec, baseando-se nas antinomias kantianas, define que o sexo não tem outra função além da limitação da razão; ou seja, eliminar o sujeito da esfera da experiência possível ou do entendimento puro.

O sexo se encontraria, precisamente, na falha de todas essas intenções: colocado fora do campo do simbólico, pelo real de sua diferença (-). Se há alguma resposta para essa pergunta inaugural do inconsciente – o que é uma mulher? – uma possível resposta complexa seria a seguinte: uma mulher é o real dessa diferença. O sujeito emerge da falha e da diferença entre *sexo* e *sexualidade*.

Se há alguma identificação imaginária possível para um homem ou uma mulher, ou qualquer outra diversidade, é porque, diante da falha, a identificação é o modo de ancoragem que o sujeito encontrará para fazer frente a um real que sempre ameaçará des-ancorá-lo. Recurso que não significa que a identificação à posição sexual tenha se realizado, mas, sim, que a *in-calculabilidade* tenha sido apreendida de uma *calculabilidade*. Quem é aquela que não somente é suporte, mas também é o ponto de partida dessa in-calculabilidade? Uma mulher. Essa in-calculabilidade será sustentada sempre, e Freud sabia disso, por uma pergunta sem resposta: o que é uma mulher? O vazio que ela deixa se abre para toda a cadeia possível de criações significantes.

#### 4º ponto: o feminino não é a feminilidade

Enquanto o movimento feminista for o resultado da aversão aos homens, é aí que se desvirtua o outro caminho que considero ser o da verdadeira revolução: o do intercâmbio do falo. O homem desviado é aquele que detém o poder – como sempre –, destinando a mulher ao lugar da falta. No entanto, a história está sendo receptora de uma verdadeira reivindicação: as mulheres também são portadoras do falo. Ou seja, a relação entre os sexos – e inclusive entre os mesmos sexos – se trata desse movimento fecundo que produz o intercâmbio: hoje você tem, amanhã você perde porque eu tenho. Ou porque está em Outro lugar. Mas essa revolução será produtiva na medida em que se entenda que desde a origem uma mulher é a causa de desejar e que, por isso, foi destinada ao silêncio enquanto seu poder fascinante e temível está, precisamente, em conter o feminino que um homem rejeita em si mesmo.

O movimento feminista volta a colocar mais uma vez, já há alguns anos, a questão do desejo como um terreno de disputa política, nomeando seu ativismo e sua luta como “a revolução do desejo”.

Passando pela concepção do desejo como falta, de Platão, Kant, Hegel, Freud e até chegar a Lacan, que, no final de sua obra<sup>9</sup>, abandona a noção de falta e a primazia do falo para introduzir a noção de furo, e faz entrar sua teoria no mundo contemporâneo<sup>10</sup>, que o define como o mundo da desarmonia pré-estabelecida.

“A diferença reside principalmente no fato de que a falta está relacionada a uma noção de ordem, cada objeto tem um lugar e a falta é um lugar. Em vez disso, o conceito de

furo não tem lugar em lugar nenhum, não há um lugar do furo; Lacan fala, mais precisamente, de um contorno do furo.”

Podemos pensar essa mudança de posição do desejo metonímico marcado pela falta ao desejo causado pela radicalidade do furo como a passagem da impotência à impossibilidade; impossibilidade a partir da qual se abre o caminho para inventar um saber fazer.

Um outro passo a mais é a passagem para a potência. Ou seja, da impotência à impossibilidade e da impossibilidade à potência. E essa passagem à potência não é sem outros. Para isso, acho pertinente passar para o segundo eixo conceitual: o do desejo como potência. O desejo em si mesmo, ou seja, sem representação, não tem objeto, simplesmente deseja. Também é nômade, se alimenta de fragmentos libidinais, se impulsiona, se agiganta. Ou seja, é uma concepção positiva do desejo, desejo que produz, não que carece; desejo que não cessa de trabalhar a história, desejo que pode produzir mudanças.

As mulheres fazem a revolução do desejo na medida em que se valem da potência produtiva e coletiva do desejo como um motor que não cessa de trabalhar a história. Revolução do desejo conforme habilita novas modalidades desejantes, antes reprimidas, excluídas, deslegitimadas. Revolução do desejo como uma disputa por constituir-se como sujeitos desejantes aquelas que historicamente ocuparam o papel de objetos de desejo. A revolução das mulheres é, antes de tudo, seu direito à diversidade dos gozos; ter encontrado, antes que nada, seu direito não só à maternidade e, em muitos casos, seu direito de não se encaminhar em direção a ela.

Se finalmente reconhecermos que ambos os sexos contêm os não-inscritíveis, então a revolução feminina será uma verdadeira

<sup>9</sup> Lacan, J. *Seminário 18* e também em seu texto *Lituraterra* (1971).

<sup>10</sup> Focchi, Marco: *La clinica psicoanalitica di Jacques Lacan*. Editorial Orthotes. Italia. 2000.

revolução enquanto as mulheres não se agarrarem às garantias do macho: isso que tem sido chamado de *empoderamento das mulheres*. Ou seja, um homem acredita, no caminho quase que de uma fé, que ele está garantido, que não tem enigmas, que ele é, até que o *feminino* cruza seu caminho, o que faz com que se angustie.

O *feminino* eu o defino por esse não-lugar, o que difere, como diferença, como resto, em qualquer apropriação identificatória. O que faz fracassar toda coagulação de identidade. Essa diferença que não é audível, mas também é inaudita, rejeitável. É o que está antes do sentido e o que neutraliza no ser o possível sobre sexo. É anterior à divisão homem-mulher. Implica, antes de mais nada, para qualquer sujeito, não apenas diferir no tempo da apropriação do sexo, mas também estar diferidos pelo que eles contêm do inaudível. Isso faz com que seja impossível dizer o que é o diferente entre um homem e uma mulher. O *feminino* é definitivamente “o Outro”.

Assim, uma revolução das mulheres terá mais legitimidade se fosse calculada com os seguintes postulados: um homem não é uma mulher; uma mulher não é um homem. O não é não tem resposta alguma. É o que esse Q de o *feminino* enuncia como inalcançável, como o neutro, sem possibilidade de apreensão. A neutralidade é aquilo que não é nem uma coisa e nem a outra, o que está fora. Trata-se do vazio do qual sai o sem-nome. Acontece que esse sem-nome alcança a positividade originária pela sexuação homem-mulher, para poder alcançar certa humanização, detendo a perturbação do real que traz o inacabamento de todo sujeito sob o risco de apenas alcançar, como diria Freud, uma “identificação de conteúdo incerto”. Vejamos se as diversidades sexuais não nos dão testemunhos disso.

## 5º ponto: não é apenas uma canção

Em 1973, John Lennon, na canção “Mind Games”, fazia este pedido: “Eu quero que você faça amor, não guerra” ... “Eu sei que você já ouviu isso antes”.

*I want you to make love, not war. I know you've heard it before.*

Desde quando se escutava isso?

A frase se origina contra a Guerra do Vietnã. O lema na cultura popular “faça amor, não faça guerra”<sup>11</sup> foi o principal slogan da geração hippie, que sucedeu a geração da segunda guerra mundial e do pós-guerra. Foi uma declaração de intenções, após a barbárie, talvez a maior da história da humanidade, que resumia o credo principal dos jovens que a representavam.

Bob Marley, na canção “No More Trouble”: “Make love and not...”

“Chega de problemas: faça amor, e não guerra”.

Esse pedido, que vem da intenção dos homens, pareceria ser endereçado às mulheres, diante de sua própria impossibilidade.

Este lema, hoje, lido em retrospectiva, tem sido sustentado pelas mulheres. Dado que a verdadeira revolução sem sangue ou violência é aquela que elas exerceram ao longo da história em que vem avançando o direito das mulheres ao trabalho, a sua condição cívica, ao direito sobre seu corpo, à inclusão na política etc. Isso constitui uma mudança histórica para o mundo em que se

<sup>11</sup> Gershon Legman (1917-1999) é considerado o inventor da frase. Crítico cultural e folclorista. Em abril de 1965, em uma manifestação contra a Guerra do Vietnã em Eugene, Oregon, EUA, e em seu último ano na Universidade, Legman escreveu a frase à mão em seu suéter.

demonstra que uma grande mudança pode se produzir sem dar lugar às pulsões de crueldade e dominação, próprias das guerras e das revoluções dos homens. Este é um verdadeiro exemplo de como conviver no mundo introduzindo mudanças sociais, econômicas e psíquicas, sem derramamento de sangue.

Elas são as que legitimamente introduzem o que já não é mais um *slogan*, ao declarar

como se pode fazer a ligação entre a pulsão e a linguagem: **Façamos o amor, não a guerra.**

**ANA PETROS** é Psicanalista, fundadora da Sociedad Psicoanalítica de Tucumán (Tucumán e Jujuy. Argentina), fundadora de OTIUM (Espacio de Diversidades Culturales) e fundadora do Seminario Psicoanalítico (Escuela de Formación para Psicoanalistas) Tucumán e Salta, Argentina. É fundadora e coordenadora do Entre-Psi (Lazo del Discurso entre Psiquiatria y Psicoanálisis). Membro Fundadora da Reunión Americana de Psicoanálisis (RAP). Autora de diversas publicações nacionais e internacionais. Há 40 anos participa de seminários como docente e deu conferências em Paris, New York, Miami, Rio de Janeiro, México, Barcelona, etc. Atualmente, continua na transmissão da psicanálise e na atividade clínica.

Contato: [annapetros@hotmail.com](mailto:annapetros@hotmail.com)

# Feminino, Consentimento e Desobediência<sup>1</sup>

Por Paolo Lollo

Em Paris, desde o início de setembro de 2019, jovens mulheres têm se reunido para pintar e colar *slogans* nas ruas da cidade. Trata-se de uma homenagem destas mulheres, que são chamadas de "coladoras" (*colleuses*) de cartazes, às vítimas de feminicídio ou estupro. Em 2020, foram registrados 98 feminicídios na França.

A cidade de Paris tornou-se, durante todo o período de confinamento, um grande livro a céu aberto que obriga os transeuntes distraídos a ler mensagens que os desafiam. Frases curtas e impactantes tocam os transeuntes e os fazem reagir. Eis alguns exemplos: "Para as mulheres assassinadas, um país indiferente", "Estado culpado, justiça cúmplice", "Mais ouvidas mortas do que vivas".

Para as vítimas de estupro: "Não significa não! Sim, não significa não!". E para finalizar, cito o título de um livro publicado em 2020, cujo título vale como um slogan: "Ceder não é consentir".

O tema do consentimento foi trazido ao debate público em 2020 por Vanessa Springora com seu livro intitulado "Consentimento", no qual ela conta como, nos anos 80, quando tinha 13 anos, foi abusada sexualmente por um famoso escritor sob o olhar indiferente dos adultos. E tudo se passou na Cidade das Luzes.

Optei por falar sobre o consentimento em um colóquio sobre o feminino, porque me parece um dever do psicanalista identificar

uma questão tão forte e importante para a construção do sujeito e para a tomada de decisão.

Deixo claro que esta questão diz respeito não apenas às feministas do movimento *Me Too*, mas também aos homens e mulheres enquanto sujeitos bissexuais. Em *Análise terminável e interminável* (1937), Freud chega à conclusão de que o ser humano é bissexual e que nossos impulsos sexuais são dirigidos, de forma consciente ou inconsciente, a indivíduos de ambos os sexos. Em todo caso, foram as jovens mulheres feministas que tomaram a iniciativa de usar a cidade de Paris como teatro de uma revolta, fazendo desfilar nas ruas desertas de uma cidade confinada um novo tipo de manifestante: as palavras... de raiva. Uma iniciativa que vai contra a lei, já que na França é proibido colar cartazes nos muros públicos. Essa iniciativa nos convida à revolta, à desobediência civil, nos desafia a escrever nos muros, a nos expressarmos publicamente. Nós, mulheres e homens.

"Ceder não é consentir" (*Céder n'est pas consentir*). Um *slogan* das coladoras, mas também o título de um livro de Clotilde Leguil, psicanalista e filósofa, no qual ela questiona o conceito de consentimento. Isto é, a questão de dizer SIM ou dizer NÃO ao parceiro sexual, mas também ao OUTRO de maneira geral, ao feminino em nós. Dizer SIM ao mundo.

O filósofo inglês John Locke, para quem o conhecimento humano baseia-se na experiência, diz que o consentimento nos permite entrar na política. Quem concorda em consentir, concorda em obedecer à vontade da maioria. Ele teoriza, portanto, uma espécie de submissão ao UM da

<sup>1</sup> Conferência proferida no XI Encontro Nacional e Colóquio Internacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, O feminino e a política da psicanálise, ocorrido nos dias 18, 19 e 20 de novembro de 2021. Tradução realizada por Christiane Cardoso.

maioria, o famoso 51% que faz UM, 100%, unanimidade. A lei, a decisão é aprovada; ou seja, quando a decisão é tomada, por maioria de votos, ela se torna efetiva para todos, mesmo que não estejamos 100% convencidos. O corpo da nação, assim como o corpo do homem, é um território a ser conquistado com força ou a ser construído com amor. De um lado, o território físico de uma nação (soberania) e, do outro, o território psíquico que liga o corpo e a subjetividade.

Fiquemos, então, nesse último território, que poderíamos chamar de "Corpo semeado de alma".

Como podemos conceber um possível "Con-Sentimento" que não seja uma força ou mesmo uma violação no corpo do outro, ou em nosso próprio corpo? A sexualidade, lugar de gozo, mas também de abusos, traumas e tabus, é uma questão central para a psicanálise.

Manon Garcia, em seu livro "A conversa dos sexos", lança a seguinte pergunta: como fazer para que a relação sexual não seja um sintoma, mas uma liberação? Eu acrescentaria, uma liberação operada pelo sujeito que, numa relação consentida, encontra, liberta o Outro, mesmo o Outro radical que abriga em si mesmo. O Consentimento seria, então, uma espécie de Deliberação?

E ainda outras perguntas:

- No consentimento, QUEM diz SIM? A pulsão, o corpo ou o sujeito?
- E ainda: que diferença há entre Querer e Desejar? Entre desejo e pulsão?
- 

Podemos constatar, em um primeiro momento, que o consentimento tem duas facetas:

1ª Aprovar. Estando no lado ativo; é fruto de uma decisão tomada por um sujeito, com a razão.

2ª. Aceitar. Estando no lado passivo; uma decisão que não tem a aprovação da nossa razão, que se impõe e que nós aceitamos apesar de nós mesmos.

O consentimento pode, portanto, ser ativo ou passivo, segundo uma visão maniqueísta que separa e opõe atividade e passividade, masculino e feminino.

Nesta mesma perspectiva, Paulo, na Carta aos Romanos afirma: o mal que não quero, eu faço. O EU que faz o mal é o EU da CARNE, o EU do CORPO, e ele se opõe à um outro EU, um EU que quer o BEM mas não o faz. Este EU que não consegue impor sua vontade é o EU da LETRA, do simbólico.

Paulo opõe o Mal ao Bem. A consequência desta oposição maniqueísta é a impossibilidade de fazer o Bem, pois o Mal sempre vence. É inútil, portanto, opor o corpo ao simbólico, pois se o corpo se opõe à lei da palavra, fará somente o que der na cabeça. Mas Paulo insiste: o corpo é o mal, é a morada de Satanás, é o pecado original que carregamos com nosso corpo sujo. Esta ideia de que a carne é má, considerada como o lixo da criação, vem de longe, da cultura grega, e Paulo a conhecia muito bem, pois escrevia em grego. Sócrates, no Cratilo de Platão (400 AC), já afirmava o dualismo entre o mundo sensível e o mundo inteligível. A alma (instância do bem), por estar em contato com o mundo sensível, é corrompida.

A alma TOMBA no corpo que se torna sua TUMBA. O CORPO É A TUMBA DA ALMA. O

CORPO (SOMA) É A TUMBA (SEMA) DA ALMA.

A TUMBA (SEMA) é o SIGNO DO CORPO. De fato, ela é o signo, em um cemitério, do local de sepultamento do corpo, do buraco onde o CORPO TOMBOU.

Portanto, o corpo é signo. O SOMA É SEMA!!! Como é possível, então, que o corpo faça o Mal ou que esteja separado do Bem da letra e do simbólico? Portanto, O CORPO não é o MAL, ele é o SIGNO da Criação. Aliás, na tradição bíblica, a carne é boa porque foi criada por Deus. O mundo sensível, assim como o mundo inteligível, é bom. Haveria, então, um ponto de encontro dessas duas dimensões? Se o corpo é bom, então é possível dizer sim às pulsões. É possível, e mesmo necessário, CONSENTIR que este encontro entre a lei da carne e a lei simbólica é possível. Este encontro está no ato de criação do mito DAS ORIGENS; de um DEUS que diz que o Mundo é bom.

O corpo encontra a alma quando ele se faz signo, quando o SOMA se faz SEMA, ou seja, tumba, signo que tomba, (*einfallen*) associação, metáfora. O MASCULINO encontra o FEMININO quando ele se faz FALO, quando seu referente real e imaginário tomba e ele se faz, então, signo. Ele se torna signo quando o SOMA é circunciso, quando ele tomba simbolicamente.

Este encontro entre corpo e alma, como entre o feminino e o masculino é feito através da letra, do simbólico, da palavra. Na Bíblia, lemos que o pecado está ligado à palavra e não ao corpo. A possibilidade do pecado se deve ao fato de que é possível mentir. Mas se podemos mentir, podemos também desmentir. O pecado é, portanto, reversível. O corpo participa, então, dessa reversibilidade e pode ser transformado se estiver associado à letra e à interpretação. Para o judaísmo, a carne não é má, desde

que seja circuncidada. Sendo assim, a carne está ligada ao simbólico. Em hebraico, a circuncisão se diz "*Berit mila*". *Mila* significa, ao mesmo tempo, "circuncisão e palavra". O rito da circuncisão consiste em unir a palavra e o corpo. Da totalidade do corpo, cortamos um pedaço, e ele se torna corpo menos-um. A circuncisão do corpo é um corte, uma castração simbólica, que reduz o sexo masculino e o desloca no simbólico. Castração que permite à mulher acessar seu desejo em relação a um homem inscrito na falta e ao homem desejar tornando-se faltoso. Fica a questão de como a mulher acessa sua falta.

Podemos dizer, então, que o corpo é bom à uma condição: ser circuncidado pela lei. A pulsão, então, é boa. Podemos CONSENTIR à PULSÃO se, ao mesmo tempo, consentimos à lei.

Paulo nos lembra de que há três leis que agem no homem:

A lei da letra: o simbólico;

A lei da carne: o real;

A lei do espírito: o imaginário.

Para a psicanálise, estas três leis estão ligadas pela letra, pela palavra. O simbólico une o imaginário e o real em um nó, que é continuamente feito e refeito, e que faz o sujeito existir e se tornar. A letra age produzindo uma textura que liga as três leis. A leitura do texto é um trabalho incessante de interpretação e, ao mesmo tempo, uma criação. O CONSENTIMENTO é possível e pleno, quando a letra tece uma narrativa que liga duas pessoas e coloca em alto relevo o encontro. Através desse encontro, nasce uma história comum. Um encontro/conto. O CONSENTIMENTO é uma questão de CUM SENTIMENTO, eu diria um sentimento compartilhado que reúne várias faculdades humanas: de julgamento,



intuitivo, perceptivo... e que nos permitem dizer sim ao sentimento que consente ao espírito, à pulsão e à palavra.

O CONSENTIMENTO é, então, uma experiência de abertura ao OUTRO. O feminino não se opõe ao masculino, mas permite esta abertura que produz uma fratura do masculino, incitando-o a se tornar, a se colocar em movimento e a sair de um confinamento que, muitas vezes, produz nele uma violência sem sentido, o que explica a loucura dos feminicídios. Por outro lado, o masculino no feminino derruba a passividade, apoia a paixão, e marca, assim, a diferença sexual. O feminino no masculino e o masculino no feminino não se tornam um, mas três.

O sim do corpo, o sim do espírito, é, portanto, sustentado pelo sim da palavra, a qual pode ser intimidante, ordenando-me que me cale, que pare de falar, ou surpreendente.

A palavra intimidante é a palavra do superego, que me atordo e me extorque, que arranca de mim um sim, pois o não é proibido ao sujeito, e nesse caso, cedemos à uma ordem. A palavra surpreendente é uma experiência que produz um silêncio ativo e produtivo: produz uma sideração que não permanece fixa, mas se torna ação, deslocamento, de-sideração, de-sejo. Produz em mim um sim, um consentimento a uma presença Outra,

estrangeira e espantosa. É um sim com o qual o eu consinto em desejar e em ser desejado. Esta reciprocidade do desejo eu chamo: consideração e amor.

O consentimento só é possível quando há uma reciprocidade da palavra e o sentimento que produz um SIM dirigido à alteridade do outro, do parceiro, e à alteridade em nós mesmos. Não somos! Nós nos tornamos! E neste tornar-se, aparece o esboço de uma história, nossa história passada que compartilhamos e aquela que projetamos juntos, na amizade ou no amor. Por esta razão, na minha opinião, o consentimento só é pleno quando compartilhamos uma história. Seria, portanto, um CONTO-sentimento. O sentimento que surge quando se escuta a palavra narrada. Dizemos sim a uma história que é também a história do corpo, no qual está inscrito, em ordem cronológica, o conto das Mil e Uma Noites da nossa vida e de suas origens. Esse conto é importantíssimo, pois estabelece uma contabilidade do espaço e do tempo.

Sem conto, sem narrativa, não há encontro, eu diria EM-CONTO, nem consentimento. A importância dada à história do sujeito é a garantia de uma consideração CUM - SIDERAÇÃO do outro, de UMA alteridade que precede a de-sideração, ou seja, o surgimento do desejo que, ao lado da pulsão, é o motor da vida.

**PAOLO LOLLO** é formado em Filosofia e professor de língua e literatura italiana. É psicanalista em Paris há mais de 15 anos. Foi membro e secretário da Associação Insistance, onde trabalhou ao lado de Alain Didier-Weill. Diretor do Corpo Freudiano Seção Paris.

Contato: [plollo3@gmail.com](mailto:plollo3@gmail.com)

# A política que acontece no corpo<sup>1</sup>

Por Maria Ormy Moraes Madeira

O presente trabalho tem como objetivo articular a condição do desamparo em que o animal humano nasce, sua anatomia faltosa, sua subserviência ao Outro e as consequências disso para uma política que, com seus gozos, não promove autonomia; ao contrário, promove formas contemporâneas que subjugam a vida ao poder da morte. As artimanhas da política consistem precisamente em saber se servir da camuflagem a fim de fazê-la passar. Assim, vemos o quanto a nossa cultura privilegia o que é da ordem do mascaramento.

No final de seu ensino, Lacan ofereceu uma reelaboração na qual os três registros – real, simbólico e imaginário – ganham equivalência. O corpo ganhou um outro estatuto no qual a representação e o significante não se distinguem mais do gozo que o acompanha. O ser falante pertencente à espécie neotênica, composta como tal por seres inacabados e incapazes de habitar o verdadeiro mundo, inventa com seus artifícios, graças à linguagem, um mundo outro. Somos, pois, “animais fracassados” que constroem ficções, uma segunda natureza que nos obriga a falar, a escrever, a criar, a inventar e, assim, nos damos a ver.

Em “A Terceira” (1974), salientando a equivalência dos três registros, Lacan observa que a relação do Eu (corpo) com o objeto é imaginária, mas ressaltada por uma razão no real como foi fundamentada pelo

anatomista holandês Louis Bolk<sup>2</sup>. Lacan refere-se à condição de prematuraçã em que o bebê humano nasce, dependente e alienado ao desejo do Outro primordial. Tal prematuraçã corporal não é sem consequências, uma vez que ele não pode ver seu semelhante sem pensar que esse pode tomar seu lugar. Eu sou estranho dentro de mim mesmo.

Foi a preferência do Eu pela imagem o que levou Lacan a elaborar o Estádio do espelho (1949), no qual revela um caso particular da função da imagem que estabelece a relação do organismo com sua realidade pela mediação do desejo do outro. Essa relação imaginária faz constituir os objetos numa equivalência abstrata pela concorrência de outrem. Sob esse aspecto, o que há de mais surpreendente, como Lacan observou, é o desvio cultural que a história tomou pela via do mandamento: “Tu amarás teu próximo como a ti mesmo”, uma vez que se funda nessa miragem que o faz odiar, não seu próximo, mas seu semelhante.

Sob esse aspecto, em o *Futuro de uma ilusão* (1927), Freud não só sinalizou o impossível da realização desse mandamento, como argumentou que a criação da religião se justifica pelo desamparo humano frente à natureza que outrora vivenciou quando criança pequena diante de seus pais, pois a infância constitui o estágio da vida em que o inacabamento é mais manifesto. Aí origina-se o desejo infantil de servidão em sua relação com a autoridade, tão significativo na nossa espécie. De modo semelhante, a cultura “erige os deuses e lhes confere um caráter

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no XI Encontro Nacional e Colóquio Internacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, O feminino e a política da psicanálise, ocorrido nos dias 18,19 e 20 de novembro de 2021.

<sup>2</sup> A expressão científica neotenia se dá na década de 1920, com Louis Bolk, anatomista holandês.

paterno.” (FREUD, [1927] 2010, p. 59). Diante dessa breve introdução teórica, colocamos a questão: **A anatomia é ponto de partida ou destino?**

Apesar de buscarmos nos corpos evidências diferenciais que ao longo da história assumem os desenhos mais variados nas diversas culturas, a anatomia em Freud não sustenta uma diferença natural, original, embora não deixe de marcar que, em alguns aspectos, a anatomia pode ser um fator importante. É compreensível que Freud tenha se interessado pelo fator biológico na constituição da psique. Desde o *Projeto*, de 1895, ele já discutia desamparo prolongado e dependência da criatura humana, muito antes de Bolk teorizar a neotenia. No *Projeto*, Freud salienta que o desamparo físico e psíquico, *Hilflosigkeit*, se desdobrará na “fonte intrínseca de todos os motivos morais” (FREUD, [1895] 1992, p. 363). Em *Inibição, sintoma e angústia* (1926), Freud retoma a questão do biológico como um importante fator na etiologia da neurose. Mas em relação à anatomia, curiosamente, Freud faz menção em dois momentos e de forma distinta: a primeira em 1912, em “Sobre a mais generalizada degradação da vida amorosa (Contribuições à psicologia do amor, II)” e a segunda, em 1924, no ensaio sobre “O declínio do complexo de Édipo”.

Nesse trabalho, para atingirmos o ponto que pretendemos articular, nos deteremos ao ensaio de 1912, “Sobre a mais generalizada degradação da vida amorosa”, no qual Freud faz referência à anatomia como base de um processo desencadeado pelo recalque orgânico e desenvolve o seguinte argumento: os elementos pulsionais coprofílicos, em particular, têm se mostrado incompatíveis com nossa cultura estética, provavelmente desde que, ao adotar a marcha ereta, retiramos nosso órgão olfatório da terra. O mesmo se aplica a uma grande parte dos impulsos sádicos

que pertencem à vida amorosa e indicam que os processos fundamentais à excitação sexual não mudaram. Segundo Freud, as formas excrementais, bem como a trama sexual demasiado íntima e inseparável e a posição da genitália – entre urina e fezes (*inter urinas et faeces*) – continuam sendo os fatores decisivos e imutáveis. Parodiando Napoleão, Freud declara: “Anatomia é destino”. Ainda que usando a forma mais leve da paródia para abordar o real do corpo, Freud foi explícito sobre sermos constituídos também por um real que, apesar de toda criação estética humana, subsiste e tem efeitos incontestáveis. “Os próprios órgãos genitais não acompanharam o desenvolvimento em direção à beleza das formas do corpo humano; conservam um caráter animal e no fundo o amor é hoje, como sempre foi” (FREUD, [1912] 1972, p. 182-183). Há uma diferença intransponível entre sexualidade e cultura. Enquanto subjaz sob a primeira a força constante da pulsão, a segunda impõe exigências que envolvem renúncia e sofrimento e são ameaças permanentes pelas quais muitos de nós sucumbem. Daí a conclusão de Lacan: o amor é o que vem em suplência da falta de relação sexual.

As elaborações de Dany-Robert Dufour (2016) também nos ajudam a entender como nossa condição de animais inacabados nos obriga à servidão voluntária, sempre assujeitados ao Outro. Nós nunca deixamos de nos arriscar a esse desejo de servidão, entregando-nos a ele aqui para nos defender dele mais adiante. É no momento de revolta que a parte da submissão voluntária à autoridade se manifesta mais do que nunca. O sujeito se “conscientiza” de que aquilo a que se submete repousa em seu desejo e num consentimento previamente dado à submissão.

Aí está o “Mal-estar na civilização” no qual Freud (1930) denuncia que são três as fontes

de nosso sofrimento: o corpo próprio destinado à ruína e à destruição, o mundo real que pode nos abater com forças hiperpotentes e nossa relação com os outros seres humanos. A condição incerta do falasser não deixa de gerar o mal-estar e de conservar uma dimensão de permanente desrazão. Assim, o ser falante, que não pode existir por si mesmo, será capaz, na ficção e por meio dela, de inventar a instância de que precisa para ter acesso ao estado de sujeito. Um totem, uma religião, uma ideologia, uma efígie, por exemplo, poderá fazer figura do Outro. **Aqui chegamos à questão: o corpo como campo privilegiado para a política acontecer.**

As reflexões de Michel Foucault (1989) são relevantes para explorar as peripécias do poder sobre o corpo e seus efeitos sobre a subjetividade engendrada no modo corretivo moderno. O corpo, para Foucault, é o local de incidência do poder, local onde as resistências acontecem, onde o desejo é subjugado e homogeneizado, onde a vontade de poder se inscreve profundamente. O corpo é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de relações, campo em que o poder e o saber travam uma luta rumorosa pela sujeição e pela liberdade.

Na subjetividade de nossa época, ainda temos assistido no mundo ao discurso dominante do gozo fálico que é gozo do poder que impera e se enlaça à dimensão de “extimidade” como derivação de racismo e sexismo. Nesse sentido, as formulações de Foucault (1978/1979) auxiliam a pensar as práticas do nosso presente que decidem e veiculam efeitos de poder nos julgamentos, nas classificações e nas obrigações diárias que delineiam a maneira certa de viver e morrer. O corpo é o objeto da preocupação social e da política em relação ao uso e controle das suas energias (FOUCAULT, 2008b).

Sob o viés psicanalítico, o corpo é lugar de passagem do objeto e da linguagem, é aquele que reverbera ecos. Sendo a linguagem, ao mesmo tempo, limite ao gozo, é ela mesma causa de gozo. Assim como há um gozo que se enlaça à vida, há um sem limite, um Outro gozo que corteja a morte. E o corpo é o lugar privilegiado para o intrincamento e desintrincamento de vida e morte, da pulsão e do desejo.

É aqui que as distinções anatômicas ganham o poder de armas. Sabemos que para a psicanálise os significantes homem e mulher são semblantes aos quais nos submetemos pela adesão a uma modalidade de gozo em detrimento de outra. Assim, se torna evidente a preponderância do gozo fálico e sua manifestação de ódio ao gozo feminino, aquele que se caracteriza por uma extrema heterogeneidade e que faz furo no saber. É o ódio da maneira particular segundo a qual o Outro goza. Essa é a forma que se pode dar à segregação. A desmedida, o ódio, o horror não são particularidade de alguns, mas parte de todos os humanos. É o que nos revela o conceito de “extimidade”, observando que o Outro é Outro dentro de mim mesmo. Aí está a raiz da segregação da qual procuro me distanciar do mal-estar do mundo externo. **A anatomia aqui é destino: é o outro sexo, é o estrangeiro, é a cor de pele, é o racismo.**

O racismo, segundo visão foucaultiana, é o responsável por introduzir, no domínio da vida, “o corte entre o que deve viver e o que deve morrer;” inserindo na continuidade da espécie uma fissura, separando aqueles grupos que devem ter sua vida ampliada daqueles que merecem ser tratados como subgrupo descartável. É pelo racismo que a vida de um prevalece sobre a do outro, numa relação não militar e guerreira de enfretamento, mas numa relação do tipo biológico: “quanto mais os indivíduos julgados inferiores ou diferentes forem

eliminados, menos degenerados haverá em relação à espécie. Quando um poder é, ao menos em primeira instância, um biopoder, o racismo é indispensável como condição para poder tirar a vida dos outros” (FOUCAULT, 1999, p. 304, 305 e 306).

Sob esse mesmo viés, em *Origens do totalitarismo* (1951), Hannah Arendt localiza a política da raça como relacionada à política da morte. Para Arendt, do ponto de vista político, a raça está relacionada não ao começo da humanidade, mas ao seu fim. A anatomia, sob esse aspecto, não está relacionada ao nascimento natural do ser falante, mas à sua morte antinatural. Assim também se manifesta Achille Mbembe, em seu livro *Necropolítica* (2018), quando conclui que a necropolítica são formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte, formas únicas e novas de existência social, nas quais vastas populações são submetidas à condição de vida que lhes conferem o estado de mortos-vivos num mundo em que as fronteiras estão embaralhadas “entre resistência e suicídio, sacrifício e redenção, mártir e liberdade” (MBEMBE, 2018, p. 71).

É nesse aspecto que a anatomia não só é origem, mas também destino, trágico destino! A anatomia foi destino na Grécia antiga, quando crianças com deficiência física recebiam a morte como sentença; ela foi destino quando, na China, a política de controle da natalidade sentenciava os bebês do sexo feminino à morte; ela é destino no Afeganistão onde o direito à liberdade é ceifado das mulheres; ela é destino no feminicídio em que evidencia-se o repúdio ao feminino; ela é destino no genocídio das populações negras no Brasil; ela é destino quando os indígenas são desapropriados, aculturados e dizimados; ela é destino quando a linguagem não faz mais fronteira ao gozo; ela é destino quando se abrem fronteiras para um gozo sem limites que corteja a morte. É o que se evidencia no

verso da poeta carioca Gabrielly Nunes (2017): “Se minha carne fosse vista diferente [...] Se eu fosse pessoa antes de mulata [...] Pra viver na minha pele, neguim, tem que ser muito, mas muito mulher”<sup>3</sup>.

A atual pandemia desvela essa face cruel, por exemplo, quando vemos que a África, fabricante de boa parte das vacinas, é obrigada a canalizar sua produção para os países ricos, enquanto apenas 0,4 % de sua população foi vacinada. Embora saibamos que a biotecnologia, a genética, a ciência como um todo, possam proporcionar todo tipo de mudanças – como cirurgias de redesignação do sexo, próteses para as mais variadas funções anatômicas, escolha dos sexos do bebê, da cor dos olhos – apontando para um universo infinito, essa realidade, no entanto, é só para alguns. O “para todos” é hostil e desigual. Aí a anatomia é destino sim, como aponta o levantamento da rede PENSSAN<sup>4</sup>, segundo o qual pelo menos 19 milhões de pessoas passam fome no país, negros em sua grande maioria, evidenciando as marcas do colonialismo. E mais: apesar da ampla divulgação, segundo a qual a Covid não escolhe cor de pele ou classe social, a pandemia vem mostrando que suas vítimas são majoritariamente negras, pobres e periféricas<sup>5</sup>.

É o trágico destino da impossibilidade de cumprir o mandamento: “Amarás teu semelhante como a si mesmo”, pois o Eu é estranho em sua própria morada, sendo isso que faz dele esse aparelho para o qual qualquer impulso dos instintos será um perigo em razão do que ele guarda em seu núcleo de sua própria animalidade. São

<sup>3</sup> Poeta Gabrielly Nunes (2017) Vencedora do SLAM grito filmes – “Gabz”. Edição: Praça Mauá – Rio de Janeiro Vídeo: Fernando Salinas.

<sup>4</sup> Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (05/04/2021).

<sup>5</sup> Nota Técnica, Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde (NOIS), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 27/05/2020.

formas de violência que não estão distantes de nós: elas encarnam não só o nosso Eu, sede de toda a agressividade, como nos dão acesso ao mais estranho dos outros, como um outro em nós.

O feminino e a política da psicanálise diante da impossibilidade de um referente único marcam a pura diferença em respeito ao direito à pluralidade. Essa é a ética da psicanálise.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, H.

*Origens do totalitarismo* [1951]. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

CALDAS, H.; LAIA, S.

“Violência e agressividade. Diferenças a partir da linguagem e do inominável da feminilidade.” *Revista Estudos e pesquisas em Psicologia*, v. 16, n. 3. Rio de Janeiro: IP/UERJ, 2016. Disponível em:

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revipsi/article/view/32955>

DICKER, S.; BADARI, P.; CALDAS, H.

“Entre as paixões do Outro e do falasser”. *Opção Lacaniana online*, n. 21, nov. 2016. Disponível em: <http://opcaolacaniana.com.br/nranterior/numero21/texto4.html>

DUFOUR, D-R.

*A existência de Deus comprovada por um filósofo ateu*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

FOUCAULT, M.

*Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2006a.

*História da sexualidade, I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2005a.

*Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

*Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREUD, S.

Proyecto de Psicología [1895]. In: *Obras completas*, v. 1. Buenos Aires: Amorrortu, 1992, p. 25-40.

Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa (Contribuciones a la psicología del amor, II) [1912]. In: *Obras completas*, v. 11. Buenos Aires: Amorrortu, 1972, p 169-184.

El sepultamiento del complejo de Edipo (1924). In: *Obras completas*, v. 19. Buenos Aires: Amorrortu, 1992, p 177-188.

Inhibición, síntoma y angustia (1926). In: *Obras completas*, v. 20. Buenos Aires: Amorrortu, 1992, p 71-164.

*O futuro de uma ilusão* (1927). Trad. Renato Zwick. Porto Alegre, RS: L & P. M., 2010.

El porvenir de una ilusión (1927). In: *Obras completas*, v. 21. Buenos Aires: Amorrortu, 1992, p 1-56.

*O mal-estar na civilização* (1930). Trad. Abreu, J. O. A. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

JORGE, M. A. C.

*Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol.1: as bases conceituais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, J.

“Agressividade em psicanálise” (1948). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.104-126.

“O estádio do espelho como formador da função do eu” (1949). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 96-103.

“A Terceira”. (1974). Trad. Ana Lúcia Teixeira Ribeiro. Escola Letra Freudiana.

LAURENT, É

“Racismo”. In: *Opção Lacaniana*. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, n. 67. São Paulo: Eólia, 2013.

MAGALHÃES, B. R. & SABATINI, T.T.

“A saúde do como estilo e o corpo como objeto de intervenção”. In: *Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito*.

SOUZA, L. A. F., MAGALHÃES, B. R. & SABATINI, T.T. (Orgs). Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

MBEMBE, A.

*Necropolítica*. São Paulo: n-ledições.org, 2018.

MELMAN, C.

*Novos estudos sobre a histeria*. Rio de Janeiro: Tempo Freudiano, 2018.

MILLER, J.-A.

“Racismo e extimidade”. *Derivas analíticas, revista digital de psicanálise e cultura da Escola Brasileira de Psicanálise – MG*, edição 04, 2016. Disponível em: <http://revistaderivasanaliticas.com.br/index.php/racismo>.

SOUZA, L. A. F.

“Disciplina, biopoder e governo: contribuições de Michel Foucault para uma analítica da modernidade”. In: *Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito*.

SOUZA, L. A. F., MAGALH ES, B. R. & SABATINI, T.T.  
(Orgs). *Marília: Oficina Universitária*. São Paulo:  
Cultura Acadêmica, 2011.

**MARIA ORMY MORAES MADEIRA** é Doutoranda do PGPSA-UERJ; Mestra em Psicanálise PGPSA-UERJ. Psicanalista, diretora do Corpo Freudiano Núcleo Brasília.

Contato: [mariaormy@gmail.com](mailto:mariaormy@gmail.com)

# Aimeé: erotomania e delírio de punição<sup>1</sup>

Por Francisco de Assis Reis Frazão

Ao defender sua tese, em 1932, intitulada “Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade”, Jacques Lacan era, então, um jovem e dedicado psiquiatra francês bastante interessado sobre o saber psiquiátrico.

A referida tese era o resultado de seu estudo e pesquisa sobre a paranoia, baseada em um caso que se tornara célebre na França por envolver uma famosa atriz da época. Trata-se do caso Aimeé, nome de um personagem retirado de um romance da própria paciente psiquiátrica de Lacan. Mas quem era, então, Aimeé? Seu verdadeiro nome era Marguerite Pantaine, futuramente chamar-se-á Marguerite Anzieu. Mãe de um conhecido psicanalista francês, era uma jovem camponesa francesa que, ao nascer, foi nomeada, pela mãe, com o nome de uma irmã morta de modo trágico. Entre a morte da irmã e seu nascimento, sua mãe sofreu um aborto. Seu nome foi uma homenagem à irmã morta. Sobre sua mãe, sabe-se que sempre foi dada a confusões com a vizinhança devido a seu caráter briguento e desconfiado. Seus vizinhos camponeses a detestavam por isso. Foi, portanto, nesse meio que Marguerite\Aimeé, juntamente com seus irmãos e irmãs, nasceu e cresceu. Jovem, bela e inteligente, tinha como hobby ler romances de época e aspirava ser escritora.

Como recebia excelentes notas na escola, seus pais a enviaram para estudar o ginásio em outra cidade, acreditando que ela se tornaria professora primária. Contudo, ela interrompe seus estudos e torna-se

funcionária pública dos Correios. Nesse tempo, deixou-se seduzir rapidamente por um “Don Juan” local, com quem manteve uma correspondência secreta. A paixão durou três anos até transformar-se em ódio. O sedutor passou, então, a ser olhado como alguém que não merecia seu amor.

Transferida para Melun, onde permanecera até 1917, teve uma nova paixão. Dessa vez, uma paixão feminina por uma das funcionárias dos Correios, a senhorita C. de N., uma inteligente e refinada jovem de família nobre, mas obrigada a trabalhar para sobreviver. Sentia desprezo pelo trabalho nos Correios e ditava moda entre as colegas. Encantada com a jovem C., Marguerite começa também a desprezar seu trabalho. Através da amiga, tomou conhecimento sobre Sarah Bernhardt e Huguette Duflos, sua futura vítima, e passou a ansiar viver em ambiente elegante e sofisticado. Casa-se rapidamente com um colega de trabalho e, influenciada pela amiga, gasta uma quantia da qual não dispõe para comemorar suas bodas de casamento com René Anzieu.

Sua família, tendo-a como caprichosa, lenta e dada em demasia a ler romances, posicionou-se contrariamente ao matrimônio desta filha que lhes parecia incompetente para um matrimônio. Apesar disso, os noivos casaram-se e, como os pais previram, o casamento foi um fiasco, uma grande infelicidade. Incapaz de entender-se com o marido, Marguerite Pantaine passa o tempo todo lendo romances e estudando língua estrangeira.

É nesta situação familiar que Marguerite pede sua transferência para Paris, onde morará sozinha em um hotel e se dedicará à escrita. Nesse período, desenvolve um amor

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no XI Encontro Nacional e Colóquio Internacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, O feminino e a política da psicanálise, ocorrido nos dias 18,19 e 20 de novembro de 2021.



platônico pelo príncipe de Gales, a quem dedica várias poesias, chegando a enviar para Londres um livro dedicado ao príncipe, que não pôde recebê-lo devido ao protocolo palaciano sobre presentes de estranhos. Também nessa época, ela tenta publicar um livro seu, mas a editora o recusa, episódio que a faz reagir com violência contra a moça que lhe comunica o resultado da editora. Em 10 abril de 1931, às 20h, Marguerite protagoniza, então, o repercutido caso: à porta do teatro, precipita-se com uma faca sobre uma atriz que, ao se defender do golpe com a mão, secciona seus dois tendões flexores dos dedos. Em presença do delegado, Marguerite\Aimeé respondeu normalmente sobre sua identidade, mas dizia coisas incoerentes sobre o ocorrido. Segundo ela, a atriz vinha fazendo, há anos, escândalos contra ela, além de zombar-lhe e ameaçar-lhe. Foi primeiro conduzida a uma prisão provisória e, em seguida, a Saint-Lazare, onde ficou por dois meses. Após a prisão, foi internada em Saint-Anne – hospital em que se tornou paciente do Dr. Lacan - onde, de acordo com o relatório da perícia médica, concluiu-se que a Sra. A. sofria de delírio sistematizado de perseguição à base de interpretações com tendências megalomaniacas e substrato erotomaniaco (Lacan, 1932: 150). Seu delírio de perseguição organizara-se em torno do medo de que algo ruim acontecesse a seu filho e das dificuldades que lhe eram impostas sobre seu desejo de tornar-se escritora. Lacan a observaria por um ano e meio.

Partindo das ideias de Clérambauld sobre automatismo mental, as psicoses passionais, em especial a sua descrição sobre a erotomania, Lacan se diferenciará de seu mestre ao distinguir as psicoses passionais das psicoses paranoicas. Dito de um outro modo, Lacan recusa-se a tomar a erotomania como uma entidade autônoma, posto que a inclui na gama sintomática existente na paranoia e forja uma outra

denominação, ainda inexistente nos quadros clássicos da psiquiatria, a saber, a de paranoia de autopunição. Anos depois, ele atribuirá o diagnóstico de erotomania a Aimeé e criticará seu diagnóstico de paranoia de autopunição como sendo bizarro (Lacan, 1976).

Dito isto, passemos à questão própria deste trabalho. Afinal, que amor é esse de Aimeé? Que amor é esse em jogo na psicose?

Se na neurose trata-se do amor de transferência, na psicose trata-se de erotomania. Tal conceito permite fazer uma diferenciação radical entre a transferência neurótica e o amor mortificante do psicótico. Na psicose, tem-se o amor morto que implica a abolição do sujeito submetido a um Outro totalmente heterogêneo (LACAN, 1955-1956).

Com isso, queremos dizer que, diferentemente do neurótico, para quem o amor é demanda de ser amado pelo Outro, o psicótico possui uma solução bastante particular para a questão do amor, ou um outro modo de responder ao enigma que se apresenta ao sujeito pela dimensão caprichosa que configura a eleição do par amoroso, o encontro com o objeto de amor. Essa resposta peculiar da psicose é a erotomania, resposta essa para lidar com os impasses gerados pela questão do amor (BRESSANELLI, 2007). Não é sem razão que o amor pode ser desencadeante de surtos psicóticos em muitos sujeitos.

Diante do exposto, compartilhamos algumas inquietações. Para não se recuar diante da psicose, como, então, se posicionar o analista frente a esse amor maciço que é a erotomania? Como viabilizar para o sujeito outra alternativa que não a passagem ao ato, como aconteceu com Aimeé? Como não se transformar de objeto de amor em um Outro caprichoso, perseguidor?

## Referências

BRESSANELLI, J.

*A erotomania como resposta psicótica aos impasses do amor*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

LACAN, J. Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade (1932). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

*O Seminário, livro 3: As psicoses (1955-56)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

Conférence à Yale University: Kanser Seminaia. In: *Silicet*, Paris:Seuil, n. 06. 1976.

ROUDINESCO, E.

*Jacques Lacan: esboço de uma vida*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

**FRANCISCO DE ASSIS REIS FRAZÃO** é médico, psiquiatra e psicanalista. Mestre em Psicanálise pela UERJ, preceptor da residência em psiquiatria em São Luís. É membro do Corpo Freudiano Seção São Luís.

Contato: [francisco.frazao@uol.com.br](mailto:francisco.frazao@uol.com.br)


# informes

## Núcleo João Pessoa (PB)

CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE  
NÚCLEO JOÃO PESSOA



**CONFERÊNCIAS DE  
JEAN-MICHEL VIVÈS**

COORDENAÇÃO: HEUTHELMA BRAGA



Psicanalista e professor de  
Psicopatologia Clínica na  
Universidade Côte d'Azur,  
membro do Corpo Freudiano  
seção RJ e de Instance-Paris.

Acontecerá nos dias **07 e 08** de Março  
às 20:00, de forma híbrida (plataforma Zoom).

CORPO FREUDIANO  
ESCOLA DE PSICANÁLISE  
NÚCLEO JOÃO PESSOA

Av. Sen. Ruy Carneiro, 303 - sala 604, João Pessoa PB.

CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE  
NÚCLEO JOÃO PESSOA



**CONFERÊNCIAS DE  
JEAN-MICHEL VIVÈS**

COORDENAÇÃO: HEUTHELMA BRAGA

**1 O PALCO DA TRANSFERÊNCIA  
E O TEATRO DO INCONSCIENTE**  
07/03/22

**2 POR QUE O SUPEREU É, DE  
ACORDO COM LACAN, A LEI E  
SUA DESTRUIÇÃO?**  
08/03/22


Valor da inscrição: R\$ 120,00 e R\$ 60,00 para estudantes da graduação.  
Pix: 83 988113025 - Rosele Lucena Beltrão.


CORPO FREUDIANO  
ESCOLA DE PSICANÁLISE  
NÚCLEO JOÃO PESSOA

## Núcleo Teresópolis (RJ)


**“A formação do psicanalista:  
entre o desejo e a regulamentação”**



Denise Maurano  
Psicanalista do Corpo Freudiano  
Seção Rio de Janeiro



Marco Antonio Coutinho Jorge  
Diretor do Corpo Freudiano do Rio de Janeiro



Realização Corpo Freudiano Núcleo Teresópolis  
Dia 12 de março, sábado, às 9h30, via ZOOM  
ID da reunião: 883 1842 8976 Senha de acesso: 4321

# acontecidos

## Seção Campos de Goytacazes (RJ)

 CORPO FREUDIANO - ESCOLA DE PSICANÁLISE  
SEÇÃO CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ

- CONVIDA -

 ANA SUY  
SESARINO KUSS

Escritora, psicanalista, prof. do curso de psicologia da PUCPR, Doutora em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pela UERJ, Mestre em Psicologia pela UFPR, Autora do Livro "Amor, desejo e psicanálise" (Ed. Jurua) e de diversos livros de crônicas poética pela Editora Patua.

**"O amor na psicanálise"**  
Dia 19/01/22 - 20h  
Atividade Aberta!

 CORPO FREUDIANO - ESCOLA DE PSICANÁLISE  
SEÇÃO CAMPOS DOS GOYTACAZES

CONVIDA:

 Rodolpho Ruffino  
Psicanalista  
Corpo Freudiano  
Escola de Psicanálise  
Núcleo São Paulo

Atividade Aberta!

**"A constituição subjetiva: uma escrita poética"**  
Dia 01/02/22 - 20h  
Via Zoom ID: 820 3985 0134 Senha: 556 896

## Núcleo Nova Friburgo (RJ)

 CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE  
NÚCLEO NOVA FRIBURGO

CONFERÊNCIA  
**PSICANÁLISE**  
ENTRE O RIGOR DA ÉTICA E A CAMISA DE  
FORÇA DA REGULAMENTAÇÃO


**Denise  
Maurano**

**29/01 9:30H**

<https://us02web.zoom.us/j/82919378019>  
<https://www.youtube.com/channel/UCiW2i0Czif34TDH-uEVGLAQ>


## Seção Belém (PA)

**Curso de Férias**  
Corpo Freudiano Seção Belém



**FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E PSICANALÍTICOS DA ÉTICA DA PSICANÁLISE**

Felipe Castelo Branco



Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). É igualmente doutor em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Desenvolveu parte de sua pesquisa de doutorado na Université Paris XIII – Paris Nord, na França. É mestre em Psicanálise pela UERJ. Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Comunicação Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Psicanalista associado ao Corpo Freudiano, seção Rio de Janeiro.

## Seção Paris (Fr)

**Les Cartels Constituants de l'Analyse Freudienne (C.C.A.F)**  
Et  
**Corpo Freudiano**

Vous invitent à un débat avec le réalisateur du film « J'aurais dû me taire »  
**CHRISTOPHE BARGUES**

Le débat aura lieu le 15 janvier 2022 à 17h30 par zoom sur le lien :

[HTTPS://US02WEB.ZOOM.US/J/82130869230?](https://us02web.zoom.us/j/82130869230?pwd=ZUP2MVHOMHRNVMI1BRjZlZXZOS5SMM2DZ09/)  
[PWD=ZUP2MVHOMHRNVMI1BRjZlZXZOS5SMM2DZ09/](https://us02web.zoom.us/j/82130869230?pwd=ZUP2MVHOMHRNVMI1BRjZlZXZOS5SMM2DZ09/)

ID de réunion : 821 3086 9230/ Code secret : 218333




« L'homme est un animal échangeur »  
( Philosophie de l'argent (G. Simmel )  
« L'argent »  
Corpo Freudiano Paris  
Dimanche 6 février 2022 (14h00/16h00)  
En présence -Lieu- le fil rouge 4, rue Wurtz 75013 Paris  
Par Zoom - Inscription : corpofreudianoparis@gmail.com

## Seção Rio de Janeiro (RJ)



**CONVERSAÇÕES SOBRE O FINAL DE ANÁLISE**

FINAL DE ANÁLISE E A ESCOLA | ANA LÚCIA CARVALHO | N. JOÃO PESSOA  
DO SINTOMA AO SINTHOME | ELIZABETH C. LANDI | S. GOIÂNIA  
O FINITO E O INFINITO | MÁRCIA SMOLKA | S. CUIABÁ  
PONTUAÇÕES SOBRE FINAL DE ANÁLISE E PASSE | SONIA LEITE | S. RIO DE JANEIRO

12 FEV 2022, 9 HORAS, ZOOM 811 0752 7659 SENHA 4321  
ABERTO PARA TODAS AS SEÇÕES E NÚCLEOS




COMENTÁRIOS: MARCO ANTONIO COUTINHO JORGE | S. RIO DE JANEIRO

## Núcleo Porto Alegre (RS)

CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE  
NÚCLEO PORTO ALEGRE

CURSO DE FÉRIAS

**Jacques Lacan: apropriação e subversão da Linguística**

Dias 14 e 21/02/2022  
20h às 22h  
Plataforma Zoom

**LAURO BALDINI**  
Doutor em Linguística; Professor  
IEI/JUNICAMP; Coordenador do  
Grupo de Pesquisa Psifóbis -  
Psicanálise, Política, Significante

Investimento: - Profissionais: R\$ 120,00  
- Recém formados: R\$100,00 (até dois anos)  
- Estudantes: R\$ 70,00

Informações e Inscrições:  
corpofreudianoportoalegre@gmail.com

## Seção São Luís (MA)

CORPO FREUDIANO ESCOLA DE  
PSICANÁLISE - SEÇÃO SÃO LUÍS

CONFERÊNCIA DE ABERTURA  
MÓDULO ESTRUTURAS CLÍNICAS:  
HISTERIA

23/02, ÀS 19H30

GOOGLE MEET PIN:  
948 148 992#

COM MARCO ANTÔNIO COUTINHO  
JORGE  
E  
NATÁLIA TRAVASSOS

## Seção Imperatriz (MA)

 Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Seção Imperatriz - Ma

**Seminário: O dispositivo do cartel na formação do psicanalista**

**Ministrado: Sônia Leite**

Psicanalista. Doutora em Psicologia Clínica/PUC-Rio. Membro do Colegiado e Responsável pela Secretaria de Carteis do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Seção RJ. Editora da Revista Latinoamericana em Psicopatologia Fundamental na Seção Artes, Literatura e Cultura. Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental. Autora de vários artigos em coletâneas e revistas e do livro Angústia da coleção Passo a Passo da J. Zahar Ed.



Data: 23/02/2022  
Quarta-feira  
19:30h às 21:30h  
Reunião pelo Zoom.  
ID: 823 2811 2579  
SENHA: 1234

Mais informações: (99)98266-1015 / Instagram@corpofreudianoimperatriz